

## A LINGUAGEM CIENTÍFICA DE AUGUSTO DOS ANJOS

### THE SCIENTIFIC LANGUAGE OF AUGUSTO DOS ANJOS

**Maria do Socorro Silva de Aragão**

*Augusto dos Anjos era um poeta popular. Apesar de todos os seus vocábulos ininteligíveis, Sua poesia trazia até nós o sopro de uma Nebulosa tragédia [...] Augusto dos Anjos Representava o espírito novo, que não Precisava de mentiras metafóricas Para andar pelo caminho da poesia<sup>1</sup>.*  
(Fausto Cunha)

#### **Resumo:**

Considerando os aspectos teóricos da Terminologia, ciência que estuda os termos ou “conceitos técnicos e científicos” (BARROS, 2004: 57), este artigo analisa a linguagem de Augusto dos Anjos que apresenta uma riqueza de termos científicos e filosóficos, uso surpreendente em uma linguagem poética.

**Palavras chave:** Terminologia; Conceito; Augusto dos Anjos.

#### **Abstract:**

Considering the theoretical aspects of Terminology, a science that studies terms or “technical and scientific concepts” (BARROS, 2004: 57), this article analyzes the language of Augusto dos Anjos, which presents a wealth of scientific and philosophical terms, surprising use in a poetic language.

**Keywords:** Terminology; Concept; Augusto dos Anjos.

## **Introdução**

Muito já se escreveu sobre o poeta paraibano Augusto dos Anjos, como homem e como poeta. Contudo, apesar de todos os trabalhos a ele dedicados, estabelecer um perfil de Augusto dos Anjos tem sido tarefa das mais difíceis a ser realizada por amigos,

<sup>1</sup> CUNHA, Fausto. Augusto dos Anjos salvo pelo povo. In: COUTINHO, Afrânio; BRAYNER, Sônia. **Augusto dos Anjos**: textos críticos. Brasília: MEC/Instituto Nacional do Livro, 1973, p. 348-353.

contemporâneos, ex-alunos, escritores, poetas, críticos literários e psicólogos, uma vez que apesar de sua “singularíssima pessoa” Augusto é plural, é multifacetado. É, no dizer da linguística, a diversidade na unidade ou a heterogeneidade na homogeneidade.

Algumas das causas dessas dificuldades podem ser creditadas aos diferentes enfoques ou aspectos levados em consideração no estabelecimento desse perfil ou desses perfis. Uns partem do homem físico, outros do homem espiritual, uns do poeta cientificista, outros do poeta filosofante, uns do homem da dor, da mágoa, da solidão, do sofrimento, outros, do homem cordial, camarada, até brincalhão.

Do ponto de vista literário também há divergências quanto à Escola ou Pensamento Literário ao qual o poeta foi ligado. Uns o classificam como parnasiano, como Rodrigues de Carvalho (1908), (apud MAGALHÃES JÚNIOR, 1977) e Nelson Verneck Sodré (1979); outros como simbolista, no caso de Alfredo Bosi (1981), ou ainda Andrade Murici (1952) e Manuel Bandeira (1946). Sua ligação com o expressionismo alemão foi também discutida por Gilberto Freyre (1924), Anatol Rosenfeld (1969) e Alexei Bueno (1994), e como pré-modernista ou artenovista na visão de José Paulo Paes, (1985).

Márcia Peters Sabino (1996) retoma a ideia da poesia cientificista ou científica em Augusto dos Anjos, que, segundo ela, já havia sido apontada por outros autores como Santos Neto, Antônio Cândido, Ledo Ivo, José Escobar Faria, Antonio Houaiss, Delmo Montenegro, Fausto Cunha, Agripino Grieco, Ferreira Gullar, Jamil Almansur Haddad e Raimundo Magalhães Jr. Para seu estudo a autora baseia-se nos trabalhos de Rocha Lima (1968), Silvio Romero (1883) e Martins Júnior (1883), que podem ser considerados os teóricos que mais trabalharam com a poética científica.

Nosso trabalho não trata da poesia científica em Augusto dos Anjos, mas da linguagem científica por ele utilizada em seus poemas.

Mas, afinal, quem é o homem e o poeta Augusto dos Anjos? Diríamos com Francisco de Assis Barbosa, que Augusto dos Anjos *era inclassificável*.

## **1. O poeta paraibano**

Augusto Carvalho Rodrigues dos Anjos é um dos mais importantes poetas paraibanos e nacionais, com uma única obra, que, no entanto, marcou a poesia nacional de forma definitiva.

Nasceu no dia 20 de abril de 1884, no Engenho Pau d’Arco, á época pertencente ao município de Cruz do Espírito Santo e hoje, ao município de Sapé, Paraíba. Era filho do bacharel Alexandre Rodrigues dos Anjos e de Córdula Carvalho Rodrigues dos Anjos, conhecida por todos como Sinhá Mocinha.

Dr. Alexandre foi professor dos filhos no que correspondia ao antigo curso primário. Transformou um dos salões da Casa Grande do engenho em escola e ali ministrava as aulas. Possuía uma vasta biblioteca, com livros adquiridos na Europa. No contato com a gente simples do engenho, as crianças absorviam os saberes da cultura popular, crendices e histórias de assombração.

Em 1900, Augusto dos Anjos iniciou o Curso de Humanidades no Liceu Paraibano, em João Pessoa. Em 1903, matriculou-se na Faculdade de Direito do Recife, seguindo os passos do pai e dos irmãos mais velhos, tendo concluído o curso em 1907. Em João Pessoa, foi professor do Liceu Paraibano e do Instituto Maciel Pinheiro. Aliado às atividades de professor do Liceu, dava aulas particulares, preparava alunos para o curso de Madureza e para os programas da Faculdade de Direito do Recife.

A poesia surgiu muito cedo na vida de Augusto dos Anjos. Alguns biógrafos afirmam que aos nove anos já escrevia versos, mas só em plena adolescência teve seu primeiro soneto publicado – “Saudade”, no *Almanaque do Estado da Paraíba*, em 1900. A partir dessa data, começou a publicar poemas em periódicos da Paraíba. Graças à interferência de Antônio Bernardino dos Santos Neto, Augusto dos Anjos se tornou colaborador do jornal *O Commercio*.

Em 1908, Augusto começa a escrever no jornal da Festa das Neves – “*Nonevar*”, como um dos seus mais assíduos colaboradores. Entre 1908 e 1910 o poeta foi responsável por séries denominadas “Perfis Femininos”, “Tipos”, “Fotografias”, “Galeria dos Eleitos”, “Smarts”, e por anúncios comerciais em versos. Para escrever esses textos utilizava vários pseudônimos.

Em 1910 casou com Ester Fialho e nesse mesmo ano se transfere para o Rio de Janeiro. Na capital federal, deu continuidade à carreira do magistério, lecionando em vários colégios, entre eles o Colégio Pedro II. É no Rio (1912) que publica seu único livro “EU”, edição de 1.000 exemplares que contou com a ajuda financeira do irmão Odilon dos Anjos.

Em junho de 1914 Augusto dos Anjos foi nomeado Diretor do Grupo Escolar Ribeiro Junqueira, na cidade de Leopoldina, Minas Gerais. Em 12 de novembro do mesmo ano, vítima de pneumonia, o poeta falece. Seus restos mortais repousam no Cemitério Nossa Senhora do Carmo, naquela cidade. Deixou dois filhos: Glória Fialho dos Anjos e Guilherme Augusto Fialho dos Anjos. Na ordem direta de descendentes existe um único neto – Ricardo Augusto Penna dos Anjos.

A grande importância do “EU”, agora centenário, pode ser comprovada pelas sucessivas edições do livro, as Dissertações, Teses, Livros, Biografias, Artigos e Projetos de Pesquisa. A tradução dos poemas de Augusto dos Anjos para espanhol, alemão, francês

e inglês é outra prova da ampla aceitação da poesia de quem soube cantar a dor e a melancolia em língua portuguesa.<sup>2</sup>

## 2. A Terminologia, ciência dos termos

A Terminologia pode ser estudada sob três aspectos: a) como disciplina com bases teóricas e objeto de estudo definidos; b) como conjunto de termos de uma determinada área, ou domínio específico; c) como conjunto de princípios teóricos e metodológicos que regem a constituição de inventários terminológicos e a elaboração de obras terminográficas. (KIEGER; MACIEL, 2001, p. 39). No terceiro aspecto, a Terminologia é entendida como uma disciplina que, através de método próprio, designa os conceitos em uma língua especializada ou língua de especialidade: (tecnoleto).

Ao definir Terminologia diz Ferreira (1986):

1. Conjunto de termos próprios duma arte ou de uma ciência; nomenclatura.
2. Tratado acerca desses termos;
3. Emprego de palavras peculiares a um escritor, uma região etc.
4. Estudo da identificação e delimitação de conceitos peculiares a qualquer ciência, profissão, arte, ofício etc. etc. e da designação de cada um deles por um certo termo.

É uma disciplina que pertence ao quadro das *ciências do léxico*, que constitui o campo da Lingüística, abrangendo a Lexicologia, a Semântica, a Terminologia, a Lexicografia a Terminografia e a Socioterminologia.

O século XX é considerado o período inicial da Terminologia como disciplina independente, com a publicação da obra *A Normalização Internacional da Terminologia Técnica*, do austríaco Eugen Wüster, em 1931. Nessa obra, o autor estabelece os princípios da Teoria Geral da Terminologia (TGT), cuja base é a *univocidade* ou *monossemia do termo*, em que cada conceito tem apenas uma denominação. (cf. BARROS, 2004, p. 53-54).

Nas últimas décadas surgiu uma nova visão da Terminologia, proposta por Maria Teresa Cabré, que a denominou de Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT), cuja base é o reconhecimento da variação linguística do termo.

Barros (2004, p. 57) diz que a TCT:

Considera os *termos* como unidades linguísticas que exprimem conceitos técnicos e científicos, mas que não deixam de ser signos de uma língua natural (geral), com características e propriedades semelhantes.

E acrescenta:

---

2 ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de.; SANTOS, Neide Medeiros; ANDRADE, Ana Isabel de Souza Leão. **Projeto Redescobrimo as trilhas de Augusto dos Anjos**. João Pessoa, 2007.

A TCT reconhece a existência de variação conceptual e denominativa nos domínios de especialidade e leva em conta a dimensão textual e discursiva dos termos.

Ao definir o objetivo da TCT Cabré (apud. KRIEGER; MACIEL 2001, p. 41) diz que é:

[...] descrever formal, semântica e funcionalmente as unidades que podem adquirir valor terminológico, dar conta de como são ativados e explicar suas relações com outros tipos de signos do mesmo ou distinto sistema, para fazer progredir o conhecimento sobre a comunicação especializada e as unidades que nela se usam.

O objeto de estudo da Terminologia é o *termo*, que no dizer de Krieger e Maciel (2001, p. 41):

Termo é o item tematicamente marcado que se constitui na unidade lexical da linguagem de especialidade, assim como a palavra é a unidade da língua geral ou comum.

Nas línguas ou linguagens de especialidade o termo recebe o nome de tecnoleto, que é a marca lexical dos discursos técnico, científico e especializado, no dizer de Barros (2004, p. 43).

É sob o aspecto da terminologia que analisaremos os poemas de Augusto dos Anjos.

### **3. A linguagem científica de Augusto dos Anjos**

A linguagem de Augusto foi e é considerada por muitos estudiosos como hermética e de difícil entendimento, pelo uso de palavras “estranhas” à linguagem poética, que se esperava dos poetas de sua época.

Estudar e analisar linguisticamente a obra de Augusto dos Anjos é um exercício fascinante, que oferece surpresas a cada nova abordagem que dela se faça.

A obra de Augusto dos Anjos é riquíssima para análises do ponto de vista da Sociolinguística e da Etnolinguística, ciências que estudam as inter-relações entre a língua, a sociedade e a cultura e o papel que cada uma exerce sobre a outra, utilizando-se do nível ou registro de fala mais formal da modalidade escrita, que é o literário, correlacionando-o com o contexto sócio-cultural que cerca o autor, no caso de Augusto, de seu Engenho Pau d’Arco e de sua Paraíba.

Sua poesia é, também, motivo de estudos na área da Fonética, uma vez que muitos autores associam a aceitação da poesia de Augusto por pessoas pouco escolarizadas, que

apesar de muitas vezes não “entenderem” o significado de determinada palavra, sentem a harmonia sonora de seus poemas.

Uma das marcas importantes da linguagem de Augusto dos Anjos é o uso de termos técnico-científicos da Filosofia, como *mônada*, da Fisiologia, como *sinergia*, da Zoologia, como *zooplasma*, da Metafísica, da Mitologia, como *sátiro*, da Biologia, como *quimiotaxia*, da Geografia, como *orográfica*, das Religiões, como *abidarma*, da História, como *areópago*, da Patologia, como *anasarca*, entre outras ciências.

O autor usa, também, em seus poemas, referências a filósofos, físicos, matemáticos, deuses, religiosos, escritores, naturalistas, como Haeckel, Goethe, Spencer, Anaximandro de Mileto, Arquimedes, Buda, Carlos Magno, Apolo, a personagens da literatura universal como Macbeth, Hamlet, Rei Lear, Iracema, a pintores como Leonardo da Vinci, Pedro Américo, o que comprova seu profundo conhecimento.

Contudo, é no léxico onde o caráter diferenciador da linguagem de Augusto aparece mais fortemente. Os termos e expressões científicas marcam, de forma inequívoca, o escritor nordestino que usa a linguagem científica de forma magistral para descrever as mazelas e as misérias da humanidade. Neste sentido, Augusto atinge o universal em seus poemas.

Para nossa análise utilizaremos alguns poemas de o “EU”, de Augusto dos Anjos e faremos um pequeno glossário, ressaltando os termos de origem científica do autor.

#### 4. Glossário

**ABIDARMA** – s.m. – Terceiro cânone das escrituras budistas, em que se relacionam as obras de filosofia dogmática e metafísica. “*Na existência social, possuo uma arma - O metafisicismo de Abidarma*” (M.S, p. 195).

N.L. O termo está relacionado à religião, à filosofia e à metafísica.

**AMNEOTA** – s.m. Vertebrado cujo embrião é envolvido pelo âmnio, a mais interna das membranas que envolvem o feto (como p. ex. os répteis, aves e mamíferos). “*Vi que, igual a um amneota subterrâneo, Jazia atravessada no meu crânio A intercessão fatídica do atraso*” (C.D. p. 216)

N.L. O autor usou o termo, que é da zoologia, para falar do atraso que estava no seu crânio.

**AMONÍACO** – s.m. Gás incolor e com odor característico (NH<sub>3</sub>), facilmente solúvel em água, com importantes e variadas aplicações. “*Eu, filho do carbono e do amoníaco.*” (P. V. p. 203)

N.L. Termo da Química.

**ANASARCA** – s.f. Edema generalizado em todo o corpo, produzido por infiltração de líquido seroso nas células subcutâneas. Doença oriunda de infecção e caracterizada pela presença de edemas, que acomete alguns animais, como cavalos, bois, carneiros, porcos e cães. “*Há de deixar-te essa medonha marca, Que, nos corpos inchados de **anasarca**, Deixam os dedos de qualquer pessoa!*” (C.D. p. 222)

N.L. Termo da Patologia.

**ANTIPERISTÁLTICO** – adj. Que impede ou faz parar o peristaltismo (diz-se de substância ou medicamento). Diz-se das contrações anormais do esôfago, do estômago e do intestino que ocorrem de baixo para cima, isto é, em sentido contrário ao dos movimentos peristálticos. “*Surpreendo-a em quatrilhões de corpos vivos, Nos antiperistálticos abalos*” (C.D. p.215).

N.L. Termo da Fisiologia.

**ANTROPOMORFISMO** – s.m. Forma de pensamento comum a diversas crenças religiosas que atribui a deuses, a Deus ou a seres sobrenaturais comportamentos e pensamentos característicos do ser humano [A crítica ao antropomorfismo religioso foi um tema frequente na filosofia desde os seus primórdios na Grécia]. Visão de mundo ou doutrina filosófica que, buscando a compreensão da realidade circundante, atribui características e comportamentos típicos da condição humana às formas inanimadas da natureza ou aos seres vivos irracionais.” E vive em contubérnio com a bactéria, Livres das roupas do **antropomorfismo.**” (D.V. p. 209)

N.L. Termo da Filosofia.

**APRIORISMO** – s.m. Doutrina (de tendência racionalista, criticista ou fenomenológica) que atribui um papel fundamental a conceitos e raciocínios a priori.” Mostravam-me o **apriorismo** incognoscível ! Dessa fatalidade igualitária” (C.D. p. 212)

N.L. Termo da Filosofia.

**AREÓPAGO** – s.m. Supremo Tribunal de Justiça de Atenas, célebre pela retidão e imparcialidade; reunia-se na colina de Ares. “*No hierático **areopago** heterogêneo Das ideias, percorro, como um gênio, Desde a alma de Haeckel à alma cenobial!...* (A.F. p. 201)

**ARIMÃ** – s.m. O princípio do mal, do caos, das trevas e da morte, na religião de Zoroastro. “*Todas as divindades malfazejas, Siva e Arimã, os duendes, o In e os trasgos,*” (C.D, p. 214)

N.L. Termo da Mitologia.



**ATAVISMO** – s.m. Reaparecimento, no ser animal ou vegetal, de caracteres genéticos (características naturais, físicas, psicológicas, intelectuais, comportamentais etc.) não presentes em seus ascendentes imediatos, mas sim em ascendentes remotos, e que haviam ficado latente ao longo de gerações. Também lhe chamam herança (ou hereditariedade) ancestral ou reversão. “*De um leite mau, carnívoro asqueroso, Gerado no atavismo monstruoso*” (C.D. p. 221)

N.L. Termo da Biologia.

**BACTÉRIA** – s.f. Microrganismo unicelular, que se reproduz por cissiparidade, do gênero dos bacilos. “*E vive em contubérnio com a bactéria, Livre das roupas do antropofornismo.*” (D.V. p. 209)

N.L. Termo da Bacteriologia.

**BLASTODERMAS** – s.f. Membrana germinativa que dá origem aos órgãos do embrião. “*Fabricavam destarte os blastodermas, Em cujo repugnante receptáculo Minha perscrutação via o espetáculo*” (C.D. p. 217).

N.L. Termo da Embriologia.

**CAMÂNDULAS** – s.f. Rosário de contas grossas. “*Cuspo, cujas caudais meus beijos regam, Sob a forma de mínimas camândulas,*” (C.D. p. 214).

**CARBONO** – s.m. Elemento de número atômico 6, cristalino (grafita ou diamante), capaz de formar extensas cadeias de átomo e que constitui dezenas de milhares de compostos. “*Eu, filho do carbono e do amoníaco, Monstro de escuridão e rutilância.*” (P.V. p. 203).

N.L. Termo da Química.

**CÉLULA** – s.f. Unidade microscópica estrutural e funcional dos seres vivos, constituída fundamentalmente de material genético, citoplasma e membrana plasmática. “*Tua garganta estúpida arrancar Do segredo da célula ovular*” (V.C. p. 208).

N.L. Termo da Biologia.

**CENTROSOMAS** – s.m. Corpúsculo celular, que constitui o centro da atividade dinâmica da cariocinese. “*Dançavam, parodiando saraus cínicos, Bilhões de centrosomas apolínicos*” (C.D. p. 212).

N.L. Termo da Biologia.

**CINOCÉFALOS** – s.m. Denominação comum aos mamíferos africanos da família dos cinocefalídeos, conhecidos como lêmures-voadores. Que tem cabeça de cão. “*Todos os cinocéfalos vorazes, Cheiram seu corpo. à noite, quando sonha*” (L.P. p. 205).



N.L.Termo da Zoologia.

**DICOTILEDÔNIAS** – adj. Espécime das dicotiledôneas, classe de angiospermas que se caracterizam pelo embrião provido de dois cotilédones, pelo crescimento em espessura dos caules, ramos, raízes e folhas pecioladas com nervação penada. “*Dás ao sôfrego estudo da ninfêia E de outras plantas dicotiledôneas!*” (C.D. p. 219).

N.L. Termo da Botânica.

**DIEDRO** – s.m. Diz-se de ou ângulo formado pelo encontro de dois planos. “*Prenderam para sempre, nesta rede, Dentro do ângulo diedro da parede, A alma do homem polígamo e lascivo?!*” (O.L. p. 228).

N.L. Termo da Geometria.

**DRUPAS** – s.f. Designação comum a todo fruto carnudo que contém caroço duro, com uma única semente, como a cereja, a ameixa, o abacate, a manga. “*Almoça a podridão das drupas agras, Janta hidrópicos, rói vísceras magras*” (D.V. p. 209).

N.L.Termo da Botânica.

**ELEFANTÍASIS** – s.f. Hipertrofia e espessamento de tecido, por qualquer causa; paquidermia, doença crônica caracterizada por obstrução da circulação linfática e hipertrofia da pele e dos tecidos subcutâneos, atingindo os membros inferiores. “*Mostra aos montes e aos rígidos rochedos A hedionda elefantíasis ...*” (L.P. p 205).

N.L. Termo da Patologia.

**EMBRIÕES** – s.m. Organismo imaturo, nos primeiros estágios de desenvolvimento, antes de deixar o ovo ou o útero materno. O ser humano nos primeiros estágios de desenvolvimento, até o início do terceiro mês de vida intrauterina. (fig.) Princípio, começo, origem. “*Que força pode, adstrita a embriões informes, Tua garganta estúpida arrancar.*” (V.C. p. 208).

N.L.Termo da Biologia.

**EPIGÊNESIS** – s.f. Processo de geração em que o embrião é constituído por uma série de formações novas ou diferenciações sucessivas do ovo ou espermatozoide, sem a preexistência de elementos ou indícios da futura organização do indivíduo. Opõe-se à teoria da evolução. “*Sofro, desde a epigênese da infância, A influência má dos signos do zodíaco*” (P.V. p. 203).

N.L.Termo da Geologia.

**ESPONGIÁRIOS** – s.m. Animais de estrutura rudimentar, cujo tipo é a esponja comum e que formam a última classe das grandes divisões dos zoófitos (animais cujas

formas recordam as das plantas); heterozoários; poríferos.” *Os protistas e o obscuro acervo rijo Dos espongiários e dos infusórios*” (C.D. p. 216).

N.L.Termo da Zoologia.

**ESTAMES** – s.m. Fio de urdir e tecer. (Fig.) Decurso da existência, estambre. Em Haeckel, um órgão-folha inútil, sem importância. *Tal a finalidade dos estames! Mas ele viverá, rotos os liames.*(M.S. p. 196).

N.L. O Poeta compara o ser humano a uma planta inútil, mas que segue o fio da vida.

**FILÓSTOMO** – s.m. Gênero de morcegos do gênero Phyllostomus da América Tropical, conhecidos como andirá-açu. “Análogo é ao que, negro e a seu turno, Traz o ávido **filóstomo** noturno” (C.D. p. 221).

N.L.Termo da Zoologia.

**FLAMÍVOMAS** – adj. (Poét). Que vomita chamas. “*As projeções, flamívoras que ofuscam, Como uma pincelada rembrandtesca*” (C.D. p. 220).

**FOGO-FÁTUO** – s.m. Luz que aparece nos cemitérios e nos pântanos e que é atribuída à combustão de gases provenientes dos corpos orgânicos em decomposição. Falso brilho, glória passageira. “*Carrega e come; as negras formas feias Dos aracnídeos e das centopeias, O fogo-fátuo que ilumina os ossos,*” C.D. p. 220).

N.L.Termo da Meteorologia.

**HARMATÃ** – s.m. Vento do Senegal, muito seco carregado de areia vermelha, que sopra do interior para a costa atlântica da África, nos meses de dezembro, janeiro e fevereiro. “*O inconsciente me assombra e eu nele rolo Com a eólica fúria do harmatã inquieto!*” (A.F. p. 201).

**HIDRÓPICOS** – adj. e s.m. Que, ou aquele que tem hidropisia. Hidropisia, acumulação de serosidades no tecido celular ou em uma cavidade do corpo. “*Almoça podridão das drupas agras, Janta hidróticos, rói vísceras magras*” (D.V. p. 209).

N.L. Termo da Patologia.

**MAVÓRTICA** – adj. Relativo a Mavorte ou Marte, Deus da guerra, guerreiro, belicoso “E explode, igual à luz que o ar acomete, *Com veemência mavórtica do ariete. E os arremessos de uma catapulta.* (M.S. p. 198).

N.L. O autor ao tratar do sátiro descreve seus sentimentos e suas ações, comparando-os com ações de Marte, Deus da guerra.

**MONERA** – s.f. Organismo unicelular, bactéria. O naturalista alemão Ernest H. Haeckel (1834-1919) considera a monera como o tipo mais primitivo do ser vivo. Haeckel afirmou a existência da monera fundamentado no monismo. Isto é, na filosofia da unidade, que nega a dualidade do espírito e da matéria e se opõe ao pluralismo. *Sou uma Sombra! Venho de outras eras,/ Do cosmopolitismo das moneras.* (M.S. p.195).

N.L.Termo da Biologia.

**MEGATÉRIOS** – s.m. Gênero de mamíferos fósseis da ordem dos desdentados, designação dada às preguiças-gigantes. *As alucinações táteis pululam. Sente que megatérios o estrangulam...* (M.S. p.198).

N.L.Termo da Zoologia.

**MÔNADA** – s.f. Unidade orgânica diminuta e muito simples. Termo arcaico utilizado por Platão. Na teoria de Leibniz, partícula indivisível que entra na composição de todos os seres. A totalidade das mônadas forma uma hierarquia de seres que vão desde a mônada suprema, Deus, à inteligível, alma, até as materiais. A alma é uma mônada superior que domina as outras por suas percepções mais claras. A simbiose das coisas me equilibra. *Em minha ignota mônada, ampla, vibra A alma dos movimentos rotatórios...*(M.S. p. 195).

N.L.Termo da Biologia.

**MORFOGÊNESE** - s.f. Desenvolvimento da forma e da estrutura de um organismo pelo crescimento do embrião. *“Destruíu com a sinergia de um gigante, Em tua morfogênese de infante A minha morfogênese ancestral?!”* (soneto, p. 207).

N.L.Termo da Biologia.

**NOUMENALIDADE** – s.m. Objeto de intuição intelectual desprovido de todo atributo fenomenal; pura ideia a que não corresponde nenhum objeto material, fenômeno ideado, mas não comprovado pela experiência; coisa de existência incerta e abstrata. *“Há possas tu dormir, feto esquecido, Panteisticamente dissolvido Na noumenalidade do NÃO SER!”* (soneto, p. 207).

N.L.Termo da Filosofia.

**OBNÓXIA** – adj. Que se sujeita de maneira servil a qualquer forma de punição. Vil, vulgar, corriqueiro. Que é nefasto, nocivo. *“Esta obnoxia inconsciência, em que tu dormes, Suficientíssima e, para provar A incógnita alma, avoenga e elementar,”* (V.C, p. 208).

**OROGRÁFICA** – adj. Relativo à orografia, descrição do relevo terrestre, especialmente às montanhas ou à parte sólida do globo, por meio de técnica adequada. E reduz, sem que, entanto, a desintegre, à condição de uma planície alegre. *“E reduz, sem*

que, entanto, a desintegre, A condição de uma planície alegre A aspereza **orográfica** do mundo! (M.S. p. 199).

N.L.Termo da Geomorfologia.

**PLÁSMICA** – adj. Relativo ao ou próprio do plasma. A parte líquida coagulável do sangue da linfa. “Porção de minha **plásmica** substância, Em que lugar irás passar a infância, Tragicamente anônima, a feder?!” (soneto, p. 207).

N.L.Termo da Anatomia.

**PSICOGENÉTICA** – s.f. Desenvolvimento do espírito, considerado como um efeito das leis naturais, estudo desse desenvolvimento. “Vem, da **psicogenética** e alta luta Do feixe de moléculas nervosas” (A.I. p. 204).

**QUIMIOTAXIA** – s.f. Ação atrativa ou repulsiva demonstrada por certas células vivas em relação a outras células ou substâncias que exercem sobre aquelas uma influência química; quimiotactismo. “Será calor, causa ubíqua de gozo, Raio X, magnetismo misterioso, **Quimiotaxia**, ondulação aérea, (M.S. p. 196).

N.L.Termo da Histologia e Patologia.

**RAPSODO** – s.m. Na Grécia antiga, recitador profissional de poesias épicas, escritor de poesias; poeta, vate. “Cão - Alma de inferior **rapsodo** errante! Resina-a, ampara-a, arrima-a, afaga-a, acode-a A escala dos latidos ancestrais...” (V.C, p. 208).

N.L.Termo da Poesia.

**SANSARA** – s.m. Mercado das cidades babilônicas, sobretudo de Ur, onde, além das mercadorias, se encontravam mulheres que, para amealharem dote para futuro casamento, levavam vida comparável à das ainda existentes gueixas japonesas. “Uivando, à noite, em lúbricos arroubos,/Como no babilônico **sansara**,” (M.S. p. 198).

**SÁTIRO** – s.m. Divindade campestre com chifres e pernas de bode que vivia nas florestas Semideus companheiro de Dionísio. Homem depravado, libertino, cínico, devasso, torpe. “Estoutro agora é o **sátiro** peralta Que o sensualismo sodomista exalta” (M.S. p. 197).

N.L.Termo da Mitologia.

**SÁXEO** – adj. Que é de pedra, pétreo. “Das estrelas Luzia... O calçamento **Sáxeo**, de asfalto rijo, atro e vidrento” (C.D. p. 211).

N.L.Termo da Geologia.

**SINERGIA** – s.f. Associação de vários órgãos ou músculos para a realização de determinada função orgânica. Coesão e solidariedade de um grupo, sociedade etc. em torno de objetivos comuns, “*Destruuiu, com a sinergia de um gigante,*” (Soneto, p. 207).

N.L.Termo da Fisiologia.

**TELEOLÓGICA** – adj. Que diz respeito à Teleologia. Argumento, conhecimento ou explicação que relaciona um fato com sua causa final. “*Fator universal do transformismo, Filho da teleológica matéria.*” (D.V. p. 209).

N.L.Termo da Filosofia.

**TROPISMO** – s.m. Fenômeno de movimento e orientação de aproximação ou de afastamento de um organismo vivo em resposta a um estímulo. Em Haeckel, “função elementar da alma” de prazer e pena, atração e repulsão, que é manifestada nos organismos primitivos “pela procura da luz ou da escuridão, do calor ou do frio, na sua atitude variável a respeito da eletricidade positiva e negativa”. “*Como uma vocação para a Desgraça E um tropismo ancestral para o Infortúnio.*” (M.S. p. 196).

N.L.Termo da Biologia.

**VELÁRIO** – s.m. Espécie de toldo que os antigos romanos armavam sobre teatros ou anfiteatros (ou somente em cima de certos lugares de honra) para resguardar os espectadores do sol ou da chuva. “*Rasgo dos mundos o velário espesso; E em tudo, igual a Goethe, reconheço O império da substância universal*” (A.F. p. 201).

**ZOOPLASMA** – s.m. Plasma animal. “*Negra paixão, congênita, bastarda, Do seu zooplasma ofídico resulta...*” (M.S. p. 198).

N.L.Termo da Biologia.

## Considerações finais

Ao iniciarmos os estudos e pesquisas sobre Augusto dos Anjos e sua obra não imaginávamos a profundidade a que estes estudos nos poderiam levar.

Augusto dos Anjos como pessoa, intelectual e poeta é uma figura multidimensional e pode ser visto e analisado sob os mais diferentes aspectos.

Por ser Augusto um nordestino, paraibano, filho de senhor de engenho, sem participar dos círculos literários do eixo Rio – São Paulo e, apesar disso, ter criado uma obra original, fora de todos os padrões literários existentes à época, foram criados muitos mitos em relação ao homem e poeta Augusto dos Anjos.

Por outro lado, a profundidade de conhecimento dos meandros da língua portuguesa, a utilização de linguagem fora dos padrões de linguagem poética e dos cânones da poesia, conferiram à sua poesia a originalidade e o inusitado.

Falar sobre Augusto, e muitos já o fizeram, é descobrir coisas novas, é descobrir a profundidade de sua formação intelectual, é, enfim, mergulhar no desconhecido a cada leitura que dele se faça.

Concordamos com José Américo de Almeida quando diz sobre Augusto:

A poesia de um homem de estudo e de sua acuidade e sensibilidade tinha de ser tensa, intelectualizada e emotiva. O que engana na análise é seu poder de revelar-se. O poeta do horror finge não se comover com o quadro surpreendido, criado por associações delirantes.<sup>3</sup>

Os exemplos aqui apresentados mostram-nos, de forma clara, as relações existentes entre a língua, a sociedade e a cultura, demonstrando, contudo, que a língua é o elo de ligação entre elas, por se reportar igualmente à sociedade e à cultura.

A visão de mundo, as crenças, as ideologias e as formas de expressão dessa sociedade com sua cultura são transmitidas de geração a geração pela língua, falada e/ou escrita, tornando evidente que a língua representa e guarda as marcas sociais e culturais daquela comunidade que a utiliza. Augusto retratou em seus poemas os problemas, as doenças, as injustiças, as mazelas da sociedade de seu tempo, especialmente de sua Paraíba e de seu Engenho Pau d'Arco.

A análise léxico-semântica dos poemas de Augusto dos Anjos nos leva a concluir sobre a importância da criatividade lexical de sua linguagem, fazendo surgir termos técnico-científicos que para a poesia da época poderiam ser considerados neologismos, com objetivos específicos para sua poesia.

Saber utilizar essas possibilidades da língua é uma das formas de marcar o estilo de cada autor, diferenciando-o de outros autores e do falante/escritor de textos.

No caso de Augusto, é muito pertinente a frase de Tristão de Athayde quando diz sobre o poeta:

Ninguém ignora que esse poeta moço, sofredor e de grande talento tão prematuramente desaparecido, realizou entre nós, pela primeira vez, a forma extrema de um peculiar naturalismo poético.<sup>4</sup>

3 ALMEIDA, José Américo de. A ciência faz um poeta. In: ALMEIDA, José Américo de. **Eu e eles**. Rio de Janeiro: Nosso Tempo, 1971, p. 176-182.

4 ATHAYDE, Tristão de. Augusto dos Anjos. In: **Primeiros estudos**. Rio de Janeiro: Agir, 1948. (Repro. In: Estudos literários. Rio de Janeiro: Aguilar, 1966).

## Referências

ALBUQUERQUE, Luiz Carlos. **Eu, singularíssima pessoa**. Recife: Governo do Estado de Pernambuco, 1993, p. 108.

ALMEIDA, José Américo de. **Augusto dos Anjos**: no trigésimo dia do seu falecimento. A União, Paraíba, 12 de dezembro de 1914.

ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de.; SANTOS, Neide Medeiros; ANDRADE, Ana Isabel de Souza Leão. **Augusto dos Anjos**: uma biobibliografia. João Pessoa: Governo do Estado da Paraíba/FIC/IDEME; UFPB, 2008.

ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de.; SANTOS, Neide Medeiros; ANDRADE, Ana Isabel de Souza Leão. **Augusto dos Anjos em imagens**: uma fotobiografia. João Pessoa: Ideia, 2011.

BANDEIRA, Manuel. **Apresentação da poesia brasileira**. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1946, p. 125.

BARBOSA, Francisco de Assis. Contribuição para uma edição crítica das poesias de Augusto dos Anjos. **Revista do Livro**. Rio de Janeiro: INL, ano II, n. 34, 3º tri, 1969.

Barros, Lídia Almeida. **Curso básico de terminologia**. São Paulo: EDUSP, 2004.

BARTOLOMEU, Mauro C.; PREVIDE, Mauri Cruz. A ciência crua de Augusto dos Anjos. **Leitura em Revista**. Cátedra UNESCO de Leitura. Rio de Janeiro: PUC-RIO, n. 2, abr. 2011, p. 58-71.

BORGES, Elimar Beatriz. **O léxico de Augusto dos Anjos**: para um glossário do EU e outras poesias. Uberlândia, 2005. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Uberlândia.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1981.

BUENO, Alexei. Augusto dos Anjos: origens de uma poética. In: ANJOS, Augusto dos. **Obra completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

CABRÉ, Maria Tereza. **La terminologia**: La teoria, lês mètodes, lês aplicacions. Barcelona: Anttartida/Empúries, 1992.

CÂNDIDO, Antônio. (seleção e apresentação). **Silvio Romero**: teoria, crítica e história literária. São Paulo: EDUSP, 1978.



CÂNDIDO, Antônio. **Formação da literatura brasileira**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1975.

CARNEIRO, Moacir. Entrevista do ex-aluno ocotogenário de Augusto em Leopoldina, a Washington Andries, na Gazeta de Leopoldina, em 24/11/1980. “Ex-aluno de Augusto dos Anjos fala sobre o poeta e professor”. In: DRUMMOND DE ANDRADE, Carlos. Augusto dos Anjos em Leopoldina. **Caderno B, Jornal do Brasil**, 15/01/1980.

CARPEAUX, Otto M.; CUNHA, Fausto. Augusto dos Anjos salvo pelo povo. In: COUTINHO, Afrânio e BRAYNER, Sônia. **Augusto dos Anjos: textos críticos**. Brasília: MEC – Instituto Nacional do Livro, 1973, 366 p., p. 348 a 353.

CUNHA LIMA, Ronaldo. O poeta da originalidade. In: Murilo Melo Filho; Juca Pontes. **Augusto dos Anjos: a saga de um poeta**. Rio de Janeiro: Brasileira: Fundação Banco do Brasil; João Pessoa: Governo do Estado da Paraíba, 1994, p. 37.

DUARTE NETO, Henrique. **As cosmovisões pessimistas de Shopenhauer e Augusto dos Anjos**. Florianópolis, 2000. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina.

FARIAS, J. E. A poesia científica de Augusto dos Anjos. In: ANJOS, Augusto. **Obra completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994, p. 141-150.

FREYRE, Gilberto. Nota sobre Augusto dos Anjos. In: Augusto dos Anjos obra completa. **The Stratford Montly**. Boston, setembro de 1924. Traduzido do inglês por Miguel Lopes Vieira Pinto e revisto pelo autor (1943). Repr. In: Perfil de Euclides da Cunha e outros perfis. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1944. (Col. Documentos Brasileiros, 41).

GRIECO Agripino. Um livro imortal. In: **O Jornal**. Rio de Janeiro, 16 set. 1926. Repro. Evolução da poesia brasileira. Rio de Janeiro: Ariel, 1932.

HELENA, Lúcia. A Cosmo-agonia de Augusto dos Anjos. 2. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; João Pessoa: Secretaria de Educação e Cultura da Paraíba, 1984.

HOUAISS, Antonio. Sobre Augusto dos Anjos. In: **Seis poetas e um problema**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1960. (Col. Cadernos de Cultura, 125.) Rep. de Jornal de Letras. Rio de Janeiro, Set., 1959).

IVO, Ledo. As diatomáceas da lagoa. In: COUTINHO, Afrânio. BRAYNER, Sônia. **Augusto dos Anjos: textos críticos**. Brasília: INL, 1973, p. 325-331.

KRIEGER, Maria da Graça; MACIEL, Anna Maria B. (Orgs.). **Temas de terminologia**. Porto Alegre/São Paulo: Ed. Universidade/UFRGS/Humanitas/USP, 2001.

LIMA, Érico Braga Barbosa. **Augusto de Carvalho Rodrigues dos Anjos**: alquimia e transdisciplinaridade. Rio de Janeiro, 1997. Dissertação (Mestrado) Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio.

LIMA, Rocha. **Crítica e literatura**. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1968.

MACHADO, Raul. Augusto dos Anjos. In: **Dança das ideias**. Rio de Janeiro, 1939.

MAGALHÃES JÚNIOR, Raimundo. **Poesia e vida de Augusto dos Anjos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.

MARTINS JÚNIOR, Izidoro. A poesia científica. Recife: Typs: Industrial e da Folha do Norte, 1883.

MELO FILHO, Murilo. Augusto dos Anjos – eterno e universal. In: Murilo Melo Filho; PONTES, Juca. **Augusto dos Anjos**: a saga de um poeta. Rio de Janeiro: Brasileira: Fundação Banco do Brasil; João Pessoa: Governo do Estado da Paraíba, 1994, p.16.

MONTENEGRO, Delmo. **Martins Júnior, Augusto dos Anjos, Joaquim Cardoso**: presença da poesia científica na literatura em Pernambuco. 2004. Disponível em: <http://capitu.uol.com.br>. Acesso em 16 de outubro de 2010.

MURICI, Andrade. Augusto dos Anjos e o simbolismo. In: **Panorama do simbolismo brasileiro**. Vol. III. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1952.

NÓBREGA, Humberto. **Augusto dos Anjos e sua época**. João Pessoa: Universidade da Paraíba, 1962, 334 p. 41.

PACHECO, Antonio Carlos de Miranda. **O léxico da morte em Augusto dos Anjos**: um enfoque onomasiológico do campo da morte na obra “EU, outras poesias e poemas esquecidos. Niterói, 1997. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Fluminense.

PAES, José Paulo. Augusto dos Anjos e o art nouveau. In: **Gregos e baianos**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

PREGUER, Guilherme de Figueiredo. **A poética da ingratidão**: uma leitura heteronímica da obra de Augusto dos Anjos. Rio de Janeiro, 2001. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro

ROMERO, Silvio, **Últimos harpejos**: fragmentos poéticos. Pelotas: Carlos Pinto, 1883. Disponível em: <http://www.itaucultural.org.br>. Acesso em 02/04/2012.

ROSENFELD, Anatol. A costela de prata de Augusto dos Anjos. In: **Augusto dos Anjos obra completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

SABINO, Márcia Peters. **Augusto dos Anjos e a poesia científica**. Juiz de Fora, 2006. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Juiz de Fora.

SANTOS, Ginaldo Silva. **A morbidez poética em EU de Augusto dos Anjos**. Disponível em: [http://perci.com.br/augusto/index.php?option=con\\_content&task=view&id=232&lt](http://perci.com.br/augusto/index.php?option=con_content&task=view&id=232&lt). Acesso em 10/03/2012.

SILVA, Mariland Accurco. **O léxico da poesia de Augusto dos Anjos**: vocabulário técnico e vocabulário comum. Niterói, 1987. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Fluminense.

SILVEIRA, Tasso da. Augusto dos Anjos. In: **A igreja silenciosa**. Rio de Janeiro: Anuário do Brasil, 1922.

SOARES, Orris. Elogio de Augusto dos Anjos. In: **EU** (poesias completas). Imprensa Oficial da Paraíba, 1920.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da literatura brasileira**: seus fundamentos econômicos. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

TORRES, Antonio. In: **Jornal do Comércio**. Rio de Janeiro, 27 de dezembro de 1914. De Castro e Silva, p. 196.

VIDAL, Ademar. **O outro EU de Augusto dos Anjos**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1967, 265 p. 119.

## **Legenda**

**M.S** = Monólogo de uma Sombra

**A.I** = A Ideia

**V.C** = Versos a um Cão

**D.V** = O deus verme

**D.T** = Debaixo do tamarindo

**C.D** = As Cismas do destino

**P.V.** = Psicologia de um Vencido

**A.F** = Agonia de um filósofo

**L.P.** = O Lázaro da Pátria

**O.L.** = O Lupanar